



Sobre religiões afro-brasileiras

On Afro-Brazilian religions

Reginaldo Prandi *

As religiões afro-brasileiras ocupam reduzido espaço no conjunto dos brasileiros que se declaram seguidores de alguma religião. Seus adeptos declarados somam tão somente 0,3% no censo de 2010. Já foram mais que isso, mas, pelo menos há vinte anos, seu número tem declinado. Considerando que nunca se respirou tanta liberdade religiosa no país e que políticas de ações afirmativas voltadas ao negro brasileiro têm contribuído enormemente na reafirmação da identidade de origem dos afrodescendentes, era de se esperar que os seguidores, sobretudo negros das religiões de origem africana, que ainda retêm a marca da negritude, cada vez mais se declarassem como tais, sem recorrer ao disfarce de uma identidade católica ou espírita, que há muito se pratica entre nós por força do sincretismo religioso e, de outro lado, do preconceito étnico. De fato, isso deve estar ocorrendo, mas, mesmo assim, o número dos afro-brasileiros tem caído sistematicamente quando se trata de dizer que religião se pratica. Se os seguidores religiosos afro-brasileiros têm hoje maior motivação para declarar abertamente sua religião aos recenseadores, a queda real sofrida nas duas últimas décadas é ainda maior que a mostrada pelos censos. Pode ser difícil de encarar, mas é um fato: essas religiões sofrem um declínio comprovado. E se trata justamente das religiões

* Doutor e Livre-Docente em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Sênior do Departamento de Sociologia da USP. País de origem: Brasil. E-mail: rprandi@uol.com.br

que eram vistas pelos estudiosos, quarenta anos atrás, como a principal, talvez única, alternativa ao pentecostalismo, que hoje reúne mais de 1/5 da população brasileira. O sucesso do crescimento pentecostal, sem dúvida, tende a reduzir, de modo dramático, o papel das religiões afro-brasileiras no mapa das conversões.

Apesar de sua pequena e declinante representação em termos demográficos, as religiões afro-brasileiras ocupam lugar importantíssimo na construção permanente da cultura brasileira não religiosa. Perto da contribuição cultural das religiões afro-brasileiras, a parcela devida às religiões evangélicas é nada, é insignificante. Talvez quando a música gospel deixar de ser mera expressão de uma identidade religiosa e alcançar um padrão de qualidade compatível com o reconhecimento universal da música popular brasileira, fundada, em grande parte, na tradição afro-brasileira, a contribuição evangélica possa ser reavaliada. Mesmo assim, terá de andar muito para se equiparar às influências culturais oferecidas pelas religiões dos orixás, firmadas não apenas na música, nos ritmos, nas danças e no carnaval, mas, também, na literatura, no teatro, na poesia, no cinema, na estética das cores e dos movimentos, na culinária, no imaginário mítico, no jeito de ser do brasileiro. Sem falar dos valores de tolerância e pluralismo que caracterizam as religiões negras desde a África, em seu nascedouro politeísta.

Pode-se dizer que as religiões afro-brasileiras têm alcance relativamente modesto em termos de seus números de fiéis, mas o que delas extravasa para compor, refundir, temperar e contaminar a cultura brasileira fez delas grandes expressões religiosas, que, em adição ao catolicismo tradicional, ainda respondem por nossa identidade nacional.

Tudo isso explica o enorme interesse dos pesquisadores pelas religiões afro-brasileiras. O número de estudos sobre candomblé, xangô, tambor de mina, batuque, umbanda e outras modalidades menos difundidas não para de crescer. Há sempre um aspecto a descobrir, uma nuance a considerar, uma nova interpretação a oferecer. Parece que sua complexidade e riqueza mítica e ritual não têm fim.

É o que demonstra o que temos à frente, nesta revista.

A começar pela noção de pessoa, que implica a integração de diferentes almas: o orixá, que nos vincula à natureza; o espírito reencarnado, ou egum, que nos liga à família, ao grupo social, à sociedade, em um tempo circular que faz o mundo se repor e se repetir indefinidamente; e o ori, ou a cabeça, que contém a individualidade e carrega o destino de cada homem e mulher, que faz de cada um o que é. A importância do ori demanda rito, sacrifício, cerimônia, situando o indivíduo no centro das atenções religiosas. E é apenas um começo.

Do ser humano como indivíduo à sociedade, a construção religiosa desenha outra concepção de mundo, com a demarcação de espaços sagrados e mecanismos de inclusão social, fomentando rituais profanos e festivos que celebram o mundo.

Apesar dessa fertilidade social, as religiões afro-brasileiras não estão paradas no tempo, elas se transformam como também se transformam outras religiões. Religiões gostam de se mostrar imutáveis, pretendendo ser agora do jeito que já eram no princípio, *per omnia saecula saeculorum*. Aqui e de onde vieram, ou para onde foram. Felizmente, pesquisadores não acreditam nisso, podendo, assim, mostrar o fazer-se da religião em cada momento, em cada circunstância social e histórica. É a religião revelada como criação do homem e da mulher. Por aqueles que precisam de deuses para ver a si próprios como humanos. Mas isso é outra história. O que nos cabe agora é aprender, no que é mostrado nas páginas seguintes, um pouco mais sobre as religiões afro-brasileiras.